

(DES)CONSTRUIR/(DES)COLONIZAR. SUGESTÃO? É O CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA VIVENTE

(DES)CONSTRUIRE/(DES)COLONISER. SUGGESTION? C'EST LA VOIE VERS UNE ÉDUCATION PHYSIQUE VIVANTE

Marcio Rogerio Bresolin[1]

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor saberes outros em articulação na Educação Física, socializando uma noção de saberes culturais, conscientizando as culturas, com informações de produtores de conhecimentos e não somente como reprodutores, mostrando a disposição de transformação corporal, cultural e artística, por meio de um estudo do corpo pedagógico contemporâneo como propositor de conhecimentos. Viabilizando a interação entre sujeitos e conhecimentos das diferenças, com valores gerados a partir do próprio corpo. O referencial utilizado é composto por MIGNOLO (2003), BESSA-OLIVEIRA (2018), NOLASCO (2019), entre outros. Sendo assim, intenta-se levantar uma proposta didático-pedagógica como caminho epistêmico para propor aulas por meio de uma Educação Física e não somente na escola, mas também na academia e no mover-se cotidiano sociocultural, realizando a investigação por meio da observação, treino e na prática docente com corpos/sujeitos de cidadãos e estudantes maracajuenses em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Corpo pedagógico; Cultura; Conhecimento; Educação Física.

> "Nesse sentido, não basta empregar conceitos advindos de teorização fronteiriça, ou mesmo nomes e sobrenomes de pensadores desse pensamento, entendendo que, agindo assim, estaria pensando descolonialmente. Nada disso. É, mais do que preciso, é necessário a inscrição do corpo e do compromisso teórico, político mesmo desse pesquisador. E tal presença se daria por meio da inscrição de seu bios e de seu lócus ancorando seu lócus enunciativo, mais sua consciência fronteiriça, ou condição mesma de pensar" (NOLASCO, 2019, p. 03).

> "É preciso re-formar o pensamento do professor que forma (ou diria deforma) o professor da Educação inicial. Afinal, o professor que está na Educação básica é formado na universidade que tem visão binária, moderna e disciplinar e que hoje está sendo empurrada pelo estado-nação para o lugar tecnicista, de militarização e de homogeneização das diferenças porque causam balbúrdias e não trabalham em prol do serviço público da "Pátria Amada Brasil"! (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 11-12).

[1] Mestre no em Educação pelo PROFEDUC/UEMS, Membro do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul Brasil; Docente na UEMS no Atendimento Educacional Especializado AEE, Unidade de Maracaju M.S. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4065953428738176. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1681-6018. E-mail: marcio.bresor9@gmail.com.

Antes de qualquer outra coisa, gostaria de discorrer sobre a linha do tempo da Educação Física e sua construção através de um contexto histórico, que demandou muito esforço para permanecer como currículo no ensino brasileiro. Em seu relato, Everton Rocha Soares (2012) nos apresenta as decorrências históricas:

> **Brasil colônia, de 1500 a 1822:** A mais antiga notícia sobre a Educação Física em terras brasileiras data o ano de sua descoberta, 1500. Tal fato se deve ao relato de Pero Vaz de Caminha, que em uma de suas cartas, que relatam indígenas dançando, saltando, girando e se alegrando ao som de uma gaita tocada por um português (Ramos, 1982). Segundo Ramos (1982), esta foi certamente a primeira aula de ginástica e recreação relatada no Brasil.[...]. **Brasil império, de 1822 a 1889:** Em 1823, Joaquim Antônio Serpa, elaborou o "Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos". 1882 Rui Barbosa é o primeiro a valorizar a área. Pede a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação de seus professores aos das outras disciplinas. Acredita que é necessário ter um corpo saudável para ativar o intelecto. [...]. **Brasil república, de 1890 a 1946:** 1920, outros estados da Federação, além do Rio de Janeiro, começaram a realizar suas reformas educacionais e, começaram a incluir a Ginástica na escola (Betti, 1991). Leis que a tornam obrigatória no ensino secundário (Ramos, 1982). O higienismo e o militarismo estavam orientados em princípios anátomo-fisiológicos, buscando a criação de um homem obediente, submisso e acrítico à realidade brasileira. [...] **Brasil contemporâneo, de 1846 a 1980:** a Educação Física no período contemporâneo, está a obrigatoriedade da Educação Física/Esportes no ensino do 3º Grau, por meio do decreto lei no 705/69 (Brasil., 1969). [...] **Educação Física na atualidade, a partir de 1980:** [...] atualmente, coexistem na Educação física, diversa concepções, modelos, tendências ou abordagens, que tentam romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional que outrora foi embutido aos esportes. Em 1996, com a reformulação dos PCNs, é ressaltada a importância da articulação da Educação Física entre o aprender a fazer, o saber por que se está fazendo e como relacionar-se nesse saber (Brasil., 1997). De forma geral, pode-se concluir que a Educação Física vem se desenvolvendo no Brasil a partir de importantes mudanças político-sociais e que atualmente é vista como um elemento essencial para a formação do cidadão Brasileiro.

Por meio desses relatos, percebo que no Brasil por mais de 500 anos, a Educação Física passa por transformações, onde todo esse processo é árduo, requer esforços, foram determinações defendidas por corpos que sofreram no decorrer de todo esse caminho, muitas vezes esses corpos fronteiriços encontrando-se sozinhos, mas, com um objetivo de mudança. Com isso, é necessário enfatizar que esses corpos/sujeitos/alunos/dona de casa/do lazer, necessitam de mover-se.

Com esta pesquisa, a perspectiva foi esclarecer que o corpo, numa maneira simples, a construção de saberes *outros*, dialogando culturalmente entre seus pares e a partir de seu *lócus*. E partindo do princípio de que é possível (re)escrever,

(re)pensar, (re)fazer e (re)significar, ancorados na lógica descrita, a nossa história e nossa cultura – até para nós mesmos –, fazendo reverberar a nossa voz enquanto sujeitos subalternizados para transpor as fronteiras da marginalização.

Este artigo refere-se a esse corpo não refletido no corpo perfeito imposto, e sim com credibilidade a partir do seu local de construção, de um corpo que é visto/analisado com inferioridade, permitindo-se agora contribuições iguais a todos os outros corpos das diferenças.

No entanto, que é possível mudar e (re)significar o que foi (forçado) imposto. Walter Mignolo nos mostra o caminho para a transformação através das lentes do pensamento e da gnose liminar. Em sua contribuição, percebemos que esse comportamento observado nos professores é totalmente coerente com o que Quijano chama de “colonialidade do poder”, que Mignolo identificou como causa significativa das diferenças coloniais, acrescentando ainda: Só podemos tomar essa ideia de descolonização que vem da consciência da nossa condição.

A partir deste parecer e com base em nossos fundamentos teóricos e em nossas propostas epistemológicas descoloniais, podemos propor as mudanças educacionais e sociais de que precisamos para implementar nossas apresentações, que foram apagadas pelo mundo moderna.

Saliento ainda que é necessário descolonizar a instituição escolar, partindo da identidade docente educacional, pois, todo o nosso sistema de ensino é eurocêntrico e capitalista. Será necessário problematizar esse sistema que hoje e sempre estabeleceu as hierarquias de saberes, exemplos esses, com disponibilidades de inúmeras aulas de Português e Matemática e em contra partida poucas disponíveis para a Educação Física, e agora rígida em lei de caráter facultativo para algumas etapas do ensino básico, a exemplo anterior na BNCC (2017). Portanto, compreender esse corpo/sujeito integral permite não apenas conexões, pensando nos alunos através de uma educação que considere seu corpo, seu saber, seu desejo nesse corpo atravessado e demarcado de cultura e conhecimentos.

Em suma, há uma necessidade urgente de quebrar as fronteiras colonialistas dentro desse corpo, com uma prática docente anti-moderna, que retira a centralidade da relação ensino/aprendizagem dos aspectos biológicos e físicos. É

necessário apresentar esse corpo do/em movimento, porque é através deste mesmo corpo que esses sujeitos conseguem adentrar formas outras de compreender o seu lócus e o mundo, atravessados por ações de realizar e perceber significados/sentidos para e em seus meios cultural e social.

Esse caminho surge de uma prática pedagogia descolonial, para que deixemos de pensar e reproduzir como o colonizador e tenhamos a capacidade em ter voz e vez. Quando proponho que se pense uma Educação Física de forma descolonial, nesse caminho *outro,* é preciso um compromisso prático didático e pedagógico, como destaca Paulo Freire (2002, p. 14): "É tão importante saber o que está disponível quanto sabemos o que está em aberto, capaz de produzir conhecimento que ainda não existe". Aqui acrescento, não apenas para produzir e receber novos saberes/conhecimentos, mas para lançar luz sobre os que foram negligenciados, ignorados e rejeitados pelo pensamento moderno e o modo cartesiano, que de uma forma ou outra busca a dominação e poder, de certa forma vem fragmentando esses corpos e afastando esses sujeitos na produção de cultura e conhecimento. É preciso olhar a Educação Física com todas as características inclusivas em termos de conteúdo/conhecimento, inclusiva no sentido de que todos participem, independente de gênero, altura, cor, magros ou com sobre peso e classe social.

Nesse sentido, o objetivo foi e será demonstrar/descortinar as diferenças, mas nunca permitindo que sejam tratadas de forma desigual. Isso exigirá que os professores tenham atenção desde o planejamento das aulas, partindo do conhecimento prévio de suas turmas e a disposição de priorizar as múltiplas experiências/experevivências do sujeito, a estrutura corporal histórica, e articular possibilidades outras para os alunos por meio de nosso currículo.

A partir desses princípios de construção, desconstrução e (re)construção, mesmo sendo eu uma gota no oceano, uma agulha do palheiro, uno força em mim mesmo ao concretizar esta pesquisa no aprender para um desaprender para um reaprender *outro*, será a satisfação e ao mesmo tempo uma inquietação para finalizá-la, atribuindo sua contribuição e importância para o campo escolar/acadêmica/social/lazer. Mostrar-lhes que os sinais de diferença não são

apenas esculpidos pela biologia, mas também feitos pela/na cultura, por isso é preciso (re)pensar nossas vivências e experiências. Como apontou Paulo Freire (2002), não há como transplantar experiências, apenas recriá-las, e é nesse sentido corporal que (re)existimos, (re)representamos e sentimos a necessidade de compartilhar nossas experevivências, nesse processo de atravessar as barreiras da imposição colonial/moderna para vivenciar integralmente a descolonialidade em sua totalidade.

Para finalizar todos os conceitos e definições para o autorreconhecimento do corpo, concluo minhas considerações com o relato da professora de balé Claudiely Cristina Ferreira:



Imagem 1: Sou capaz e me autorreconheço - Claudiely

Acervo do autor

Nesta pesquisa, consigo realmente uma história desse corpo que se autorreconhece como esse corpo *outro*, semelhante nas diferenças, principalmente em ser vivente, construindo sua história, nas perfeições imperceptíveis pela ótica moderna.

Essa história é de Claudiely Cristina Ferreira, professora de balé, Hip hop na cidade de Maracaju, MS, e também já lutou *taekwondo*, relatando sobre seu autorreconhecimento como produtora de cultura e conhecimento, suas batalhas, angústias e identificação através de seu corpo.

Claudiely começa com uma frase "Eu posso ser o que eu quiser, eu posso estudar o que eu quiser, qualquer profissão, eu sou esse corpo da dança, do balé e da luta, existe algo específico que cada corpo existe para fazer". Porque é uma questão de identificação (de se autorreconhecer), pois desde criança eu gostei de dançar, só que nem imaginava que seria algo profissional para mim no futuro. Então eu imaginava que seria professora, mas quando conheci o balé, eu me identifiquei, e foi isso que trouxe para a minha vida profissional até hoje. Há mais de treze anos estou desenvolvendo a prática do Balé. Foi uma questão de identificação e de reconhecimento pelo Balé. E com isso, afirmo, eu posso ser o que eu quiser, mas não serei feliz em outra profissão, já trabalhei em outras funções, fui diarista, secretária, vendedora, porém nunca me identifiquei com nenhuma delas.

Além dessa identificação e reconhecimento, é importante transmitir para os alunos esses mesmos valores, sentimentos e emoções, vivenciados em todos esses anos, alguns alunos se identificam com essa história de vida e superação, e querem aquilo para eles. Quando me refiro a corpo, biotipo e padrões, me referindo ao meu corpo, nunca tive corpo de bailarina, sempre fui uma mulher encorpada, pois, esse corpo imposto pelo balé é aquela magreza que eu nunca possuo, e assim mesmo, sempre obtive mais destaque do que muitas bailarinas que tinha esse corpo padrão do balé, tenho muita flexibilidade[2], hipermobilidade[3] em toda parte do corpo é um

[2] Para Dantas (2005), **flexibilidade** pode ser definida como: Qualidade física responsável pela execução voluntária de um movimento de amplitude angular máxima, por uma articulação ou conjunto de articulações, dentro dos limites morfológicos, sem risco de provocar lesões (DANTAS, 2005 p. 57).

[3] A síndrome de hipermobilidade articular é uma condição na qual ocorre frouxidão ligamentar e das articulações, assim, a pessoa consegue realizar facilmente movimentos não habituais, acima da faixa

corpo elástico. Por muitas vezes as pessoas após as apresentações comentavam, quando me deparei com você no palco, não imaginava que você tivesse tanta fluidez, como dança bem e nem parece. Era algo que ofendia e ao mesmo tempo elogiava. Através da minha dedicação ao balé, a professora me ajudava comprando as roupas e sapatilhas, pois não tinha condições naquele momento. Com isso, fui me identificando tanto com o balé que me tornei professora aos dezessete anos, superando as demais meninas.

Até o momento eu me deparo com críticas ao meu respeito, como por exemplo: “e essa menina gorda dançando balé”. Hoje eu entendo, de ter um corpo legal pela minha função de professora de balé e dança, e quando falo desse corpo legal é em relação a saúde corporal.



Imagem 2: Dança Hip Hop - Claudiely

Acervo do autor

normal de amplitude da articulação, como por exemplo ser capaz de encostar as palmas das mãos no chão facilmente, sem dobrar os joelhos. Articulações hipermóveis tendem a ser herdados, ou seja, há fatores genéticos envolvidos, geralmente por uma deficiência da produção natural de colágeno pelo organismo.

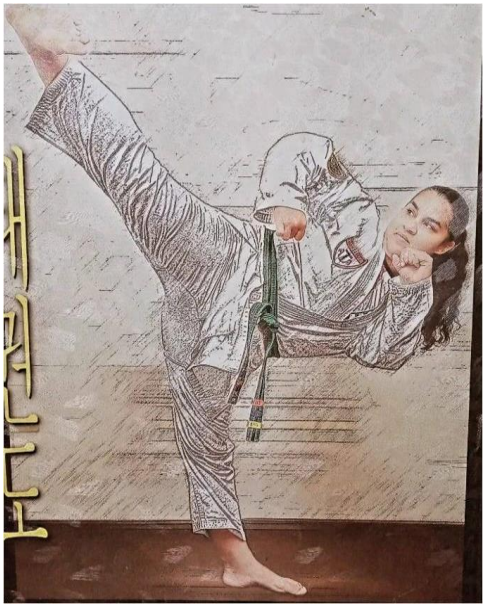


Imagem 3: Luta do Taekwondo - Claudiely

Acervo do autor

Ela relata, ainda, que esse corpo dela, constituído hoje, são situações vividas anteriormente, devido à depressão profunda[4], narcolepsia[5] e catalepsia[6], e o "que me ajudou dar a volta por cima foi a dança, o balé e principalmente a luta do *taekwondo*, pois depois de toda esse processo e trajetória, eu me identifico e me reconheço profissionalmente, sendo que nesse caminho profissional me ocasionou muitas conquistas e felicidades, e estou muito bem com meu corpo.

Por meio da biografia de Claudiely, venho reforçar que a Educação Física/Esporte/Atividade Física, está além do físico, demonstra que o esporte e a atividade física são grandes e importantes aliados no tratamento como um antidepressivo, porque seu baixo custo e suas propriedades preventivas contra as

[4] A depressão profunda é uma progressão da depressão, ou seja, seu estado mais crítico e perigoso, por isso o que pode levar até esse estado seria a falta de tratamento ou tratamento com início tardio, até mesmo outras doenças em comorbidade à depressão que dificultam o quadro. Disponível em: https://www.gruporecanto.com.br/blog/depressao-profunda

[5] A narcolepsia é um distúrbio do sono caracterizado por sonolência excessiva durante o dia e por frequentes ataques de sono, mesmo quando a pessoa dormiu bem à noite. Disponível em: https://www.minhavida.com.br/saude/temas/narcolepsia

[6] A catalepsia é uma condição caracterizada pela paralisação dos membros e da cabeça, além da incapacidade de falar, com uma tendência do paciente a se manter em uma posição imóvel. Em alguns casos, os eventos de catalepsia podem ser confundidos com a morte, pois a respiração também é afetada. Disponível em: https://www.minhavida.com.br/saude/temas/catalepsia.

doenças da depressão e o estresse. “Estudos ligam a atividade física à depressão. Foi confirmado que corpos/indivíduos que praticam atividade física regularmente, reduzem os sintomas de depressão de forma significativa” (SHARKEY, 1998).

São nessas “histórias locais” (MIGNOLO, 2003), como a da Claudiely, relatando sobre esse corpo que se autorreconhece como produtor de cultura e conhecimento que faz confirmar que a Educação Física está para além desse corpo físico.

Referências:

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Arte-Educação *Descolonial:* formação de professor de Arte para um trabalho docente mediador. Acervo do autor. 2019, p. 1-36, texto no prelo.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*/Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, 2017/2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 11 Junho 2023.

NOLASCO, Edgar Cézar. “*Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas.”* Acervo do autor. p. 1-22, 2019, texto no prelo. (Acervo do autor).

SHARKEY, B. J. Condicionamento físico e saúde. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Everton Rocha. *Educação Física no Brasil:* da origem até os dias atuais. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm. Acesso em 14 de Junho de 2023.